



Grupo Terra: 15 anos de atuação universitária em favor da reforma agrária popular e agroecológica

Grupo Terra: 15 years of university action in favor of popular and agroecological agrarian reform

CARNEIRO, Gabrielle F.¹; ISSAS, Luisa F.²; MENDES, Maria L.³; CÉSAR, Leonardo R. O.⁴; MARCHETTI, Fábio F.⁵; MARQUES, Paulo E. M.⁶

¹Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), Universidade de São Paulo (USP), gabrielle.ferrer@usp.br; ²ESALQ/USP, luisaissas@usp.br; ³ESALQ/USP, malu-0502@usp.br;

⁴ESALQ/USP, leorubim@usp.br; ⁵ESALQ/USP, fabio.marchetti@usp.br; ⁶ESALQ/USP, pmarques@usp.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O grupo TERRA luta pela extensão universitária fundamentada pela agroecologia e reforma agrária, na ESALQ/USP, uma das maiores universidades que corrobora com a disseminação da cultura do agronegócio. Suas origens na elite agrária fazem com que o foco de ensino seja a promoção de técnicas agropecuárias voltadas para produtividade e exportações de commodities. Por meio de reflexões e ações críticas, o grupo propõe projetos em parceria com membros de acampamentos e assentamentos rurais, sendo o foco alternativas ao modelo de produção agrícola hegemônico no Brasil e baseados no sistema de autogestão, na horizontalidade, na autonomia e na cooperação. O presente trabalho apresenta os projetos e princípios refletidos pelos membros com objetivo de fortalecer o debate sobre questões fundiárias no Brasil. Como resultado temos o vínculo entre a universidade e os assentamentos rurais, contribuindo para a formação dos seus membros e representando resistência dentro da universidade.

Palavras-Chave: extensão acadêmica; assentamentos rurais; ESALQ; territorialidade; distribuição de terras.

Contexto

A “Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP) foi idealizada em 1881, pelo homem homenageado em letras douradas no Prédio Central do campus: Luiz Vicente de Souza Queiroz. Junto à sua família, portava um notável poder social por controlar os meios de produção de sua época, ou seja, fazendas, mão de obra escravizada e alguns maquinários (MOLINA, 2017).

Na última década do século XIX, Queiroz passa a presidir a Associação “*Brazilian Gentleman*”, um coletivo de ruralistas que viam vantagem na criação da escola agrícola principalmente para atender a agroexportação, por isso iniciam a construção da Escola “Luiz de Queiroz”. Em 1892, o projeto foi estatizado, pois a organização não possuía verba suficiente para sua continuidade. No entanto, o objetivo para a construção da ESALQ/USP permaneceu inalterado, tendo em vista que o poder da associação se estendia ao plano político (MOLINA, 2017).

A Escola só foi de fato inaugurada em 1901, sob uma imposição do Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em função da lei de Serviço Agrônomo de



1899, que determinava investimentos em pesquisa e educação agrícola, em prol de suprir as vontades da classe dominante paulista, associada à agricultura exportadora (PERECIN, 2004).

Pode-se concluir, portanto, que a criação da ESALQ esteve intimamente ligada à aristocracia agrária e surge com o único objetivo de atender a seus interesses, ou seja, o desenvolvimento de técnicas agropecuárias que aumentariam a produtividade das commodities e consequentemente as exportações. Tais características persistiram ao longo do tempo, uma vez que, nos anos que se seguiram, houve investimentos da família Rockefeller, intervenção estadunidense, financiamento por empresas do chamado agronegócio, entre outros eventos que comprovam que, até os dias de hoje, a dita “Gloriosa” está comprometida com o projeto de país da elite, cuja base é a monocultura para exportação, enquanto a fome ainda é um fenômeno estrutural ao Brasil (MOLINA, 2017).

Além destes traços, a forma com que a socialização é comumente realizada na ESALQ possui forte impacto para a manutenção da ideologia do agronegócio, baseada na hierarquia e submissão. Através da aplicação ou sob a ameaça de trotes violentos, os ingressantes são levados a acreditar que a subordinação é imprescindível para construção de relações sociais, pois caso não passem pelos “rituais de iniciação”, sofrem uma notável segregação. Após anos de convívio nesse meio, a ideia de hierarquia, fundamental para o funcionamento de grandes empresas do “*agrobusiness*”, passa a ser cada vez mais banalizada pelos estudantes, os quais passam a vê-la como necessária não somente para construção de relações sociais, como também para as trabalhistas (MOLINA, 2017). Em suma, participar do círculo social trotista, por vezes, garante aos estudantes uma porta de entrada para futuros empregos e negócios.

Tendo em vista o fato da ESALQ ser voltada para atender econômica e ideologicamente ao agronegócio, tornam-se imprescindíveis projetos e iniciativas que tenham como objetivo criar núcleos que promovam outras formas de produção agrícola (em especial a agroecologia), cujo foco seja desenvolver a soberania e segurança alimentar, e outras formas de relações sociais e trabalhistas, pautadas na igualdade e no fortalecimento da agricultura familiar.

Nesse contexto, surge o Grupo de Territorialidade Rural e Reforma Agrária (TERRA), fundado em 2008 pelo professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques junto a um grupo de estudantes. A experiência se inicia com um estudo sobre os impactos socioambientais provocados pela monocultura da cana-de-açúcar em Piracicaba e região. Durante o processo de pesquisa, os estudantes conheceram diversos assentados e constataram que havia “outras ocupações na região que estavam isoladas, cercadas pelo mar de cana” (GRUPO TERRA, 2011) nas quais os agricultores enfrentavam uma luta constante para se manter em suas terras.

Tal constatação motivou os estudantes a criarem um grupo de extensão que se propusesse a, além de estudar os impactos da cana-de-açúcar, construir junto aos assentados soluções para os problemas enfrentados por estes, com o auxílio dos



conhecimentos disponíveis pela Universidade. Sendo assim, o grupo realiza a função social de comunicar o conhecimento acadêmico à sociedade civil conforme a demanda dos agricultores e dialogar com os saberes populares. Além deste diálogo, fomenta na ESALQ um modelo de produção agroecológico e compromissado com o combate às desigualdades sociais e à degradação ambiental, simbolizando assim uma resistência em meio a um dos maiores polos do agronegócio brasileiro.

O grupo iniciou sua atuação em conjunto com assentamentos da região próximo à Piracicaba, mas atualmente abrange uma rede mais ampla de assentamentos do estado de São Paulo. Com o objetivo de promover uma articulação em rede, de forma coletiva e representativa, o grupo atua em parceria com outros grupos da instituição, redes de agroecologia, agricultores e cooperativas.

Busca-se o desenvolvimento da formação dos estudantes por meio de projetos de pesquisa e extensão que corroborem uma reflexão e ação crítica acerca de temas como a questão fundiária, territorialidade, multifuncionalidade da agricultura, políticas públicas e agroecologia. Trata-se também de atuar para uma ressignificação da extensão universitária predominante. Dessa maneira, são elaborados projetos pensados coletivamente com o envolvimento das comunidades que fomentem o diálogo de saberes e a consolidação de um projeto de reforma agrária popular e agroecológico.

Dessa forma pode-se concluir que o objetivo geral do grupo é contribuir para o desenvolvimento territorial agrário e para o processo de reforma agrária através: da formação técnica e política do grupo; da promoção da extensão universitária em assentamentos rurais e acompanhamento técnico na produção agroecológica, na organização produtiva, territorial e financeira, e na adequação e sensibilização ambiental.

Descrição da Experiência

Atualmente, estão registrados na ESALQ 65 Grupos de Extensão universitária (<https://www.esalq.usp.br/svcex/grupos-de-extensao/lista>). Deste universo, apenas uma pequena parcela, de cerca de 20%, é voltada a modelos de produção que objetivem um impacto socioambiental positivo e a consolidação e manutenção de sistemas biodiversos. Neste grupo reduzido, apenas o Grupo TERRA tem como centro da discussão temas relacionados à reforma agrária.

Este grupo, desde sua fundação, em 2008, propõe construir um modo de organização que se contrapõe ao modelo mais comumente propagado na ESALQ. Esse sistema organizativo baseia-se na autogestão e tem como princípios a horizontalidade, assim como a autonomia e a cooperação entre os membros (GRUPO TERRA, 2011). Dessa forma, para além da organização interna, a horizontalidade, princípio difundido por

Paulo Freire (1987) que tem como proposição a ausência de relações hierárquicas na construção do trabalho coletivo, também é princípio para a realização da



extensão universitária, de modo que através do desenvolvimento de uma relação horizontal, entre os estudantes e os agricultores, consigamos também contribuir com o processo de diluição das tensões historicamente construídas entre os campos de saberes acadêmicos e populares.

O grupo se reúne semanalmente a fim de discutir as pautas relacionadas aos atuais projetos de atuação, assim como realiza imersões semestrais de avaliação e planejamento do semestre. Desse modo, através da ponderação dos pontos levantados nas Imersões de Avaliação, direcionamos o planejamento e organização do semestre subsequente. A autogestão, para além de ser o princípio norteador da organização do grupo, é compreendida como um objeto de estudo. Dessa maneira, nos cronogramas propostos para o roteiro das imersões, as atividades autogestionadas são sempre ponto de pauta, assim como a horizontalidade.

Resultados

Pode-se citar como principal resultado obtido através do grupo TERRA a construção de um laço entre a universidade e diferentes assentamentos rurais no estado de São Paulo, considerando que, diferentemente de outros grupos de extensão da ESALQ, o grupo trabalha com participantes diretos do processo de construção da reforma agrária brasileira e, portanto, também contribui com a luta pela terra. Conseqüentemente, os saberes da universidade são socializados e colocados à disposição da soberania dos assentados em suas terras conquistadas.

Além deste diferencial, é notável o papel de resistência institucional desempenhado pelo grupo, por defender a reforma agrária, agricultura familiar e a agroecologia, por meio de diversos projetos e atividades, em um dos principais meios de formação acadêmica voltada para o agronegócio, a ESALQ, onde são formados os futuros dirigentes do *agrobusiness* brasileiro.

Durante seus 15 anos de existência, entre os diversos projetos e atividades realizados pelo grupo TERRA em áreas de reforma agrária, tendo como foco extensão participativa, alguns se destacam, entre eles: diagnósticos socioeconômicos; vivências em implantações e manejos de agroflorestas e áreas de produção orgânica; educação ambiental e agroecológica com crianças e jovens; oficinas em diferentes temáticas voltadas à transição agroecológica com produtores; capacitação de gestão de propriedade e produção. A partir desses projetos, foi possível também a criação de um modelo de planejamento produtivo pensado para cestas biodiversas, por meio de uma ferramenta chamada Terráquea, construída em “Excel”.

Uma das áreas mais antigas de atuação do grupo é no assentamento Milton Santos, localizado em Americana/SP e Cosmópolis/SP, colaborando com o manejo da horta comunitária do assentamento, o planejamento produtivo e o escoamento da sua produção por meio de um Grupo de Consumo Sustentável. Representantes locais e do Grupo TERRA fazem parte da Rede de Agroecologia do Leste Paulista, que



articula ações direcionadas à transição agroecológica do assentamento.

Outra articulação, recente no grupo, é com o NACE-PTECA (Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão Universitária em Educação e Conservação Ambiental) da USP, com o qual o Grupo TERRA colabora no Projeto Dandara, tanto no planejamento de sistemas agroflorestais biodiversos, como na implantação e, atualmente, no monitoramento desses sistemas.

Mais um projeto atual é o “Impactos do plantio, comercialização e consumo de PANCs e plantas medicinais no grupo de consumo agroecológico (GCA)”, que é realizado no assentamento Sepé Tiaraju. As atividades incluem troca de saberes entre agricultores e estudantes, assim como construção de soluções para produção, beneficiamento e escoamento de PANCs e plantas medicinais.

Em conjunto a outros grupos e coletivos, o Grupo TERRA contribui tradicionalmente para a organização da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) na ESALQ, desde sua criação em 2014. Este evento ocorre em diferentes universidades brasileiras, com o objetivo de fomentar discussões em torno da Reforma Agrária e seus desafios. Em 2023, na edição de 10 anos, houve vivências em áreas de reforma agrária; rodas de conversa, mesas e oficinas com assentados, acadêmicos e profissionais que atuam nas temáticas do evento; e a retomada do Fórum TERRA, que contou com uma roda de conversa entre grupos e coletivos que atuam com reforma agrária e agroecologia.

Além destas atividades, o grupo realizou duas edições do Minicurso "Questão Agrária e Agroecologia", em 2021 e em 2022, contando com convidados e participantes de todo Brasil. Ambos os eventos agregaram na formação de estudantes e de pessoas de fora da universidade, por meio da comunicação de temas pertinentes e instigantes para o enfrentamento da complexa realidade socioambiental do território rural brasileiro. Em 2022, o minicurso atingiu 69 inscrições e, em decorrência dele, três pessoas ingressaram no grupo.

Essas atividades colaboram fortemente para o desenvolvimento pessoal e profissional dos membros do grupo para além das grades curriculares, que possibilitaram a permanência dos membros nessa área de atuação com pesquisas, assessorias e consultorias. Se o Grupo TERRA é resistência num dos maiores polos do agronegócio, igualmente ele representa uma grande motivação, a seus participantes de se manterem na ESALQ. Dessa maneira, além das possibilidades de extensão, ensino e pesquisa, o grupo possibilita a formação de consciência crítica aos estudantes, com embasamento teórico e prático em temas da agroecologia e reforma agrária.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.



GRUPO TERRA - Territorialidade Rural e Reforma Agrária. **Estatuto TERRA.**
Piracicaba: ESALQ/USP. Disponível em:
<https://grupoterraesalqusp.wixsite.com/grupoterra/copia-membros-do-grupo>. Acesso
em: 07 jul. 23.

MOLINA, Rodrigo S. Ditadura, agricultura e educação: a ESALQ/USP e a
modernização conservadora do campo brasileiro (1964 a 1985). **Germinal:**
marxismo e educação em debate, v. 9, n. 3, 2017, 392p. DOI:
10.9771/gmed.v9i3.22449. Acesso em: 18 jun. 2023.

PERECIN, Marly Therezinha G. **Os Passos do Saber: a Escola Agrícola Prática
Luiz de Queiroz**. São Paulo: Edusp, 2004, 392p.